

UMA LEITURA DO LIVRO PALAVRAS, PALAVRINHAS & PALAVRÕES DE ANA MARIA MACHADO: DA INGENUIDADE À REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Ana Paula LOPES¹

Orientadora: Dra. Maria Edileuza da COSTA²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar uma leitura da obra Palavra, Palavrinhas e Palavrões de Ana Maria Machado, refletindo sobre a prática pedagógica de ensino de literatura, partindo da leitura ingênua à leitura teórica. Para isso, nos ancoramos nos estudos de Bernardo (2010), Calvino (2005), Cosson (2006), Amarilha (2003), entre outros. Compreendemos que a literatura nos permite sensações, associações, imaginação e a releitura de nós mesmos, à medida que construímos nossa realidade e abrimos possibilidades de conhecimento de outros mundos. O texto de Ana Maria Machado nos mostra isso, nos faz sentir, nos faz reviver. Assim, o professor precisa proporcionar momentos em nome do prazer absoluto de ler o texto literário, pois na escola a leitura literária deve fornecer os instrumentos necessários para se conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem, com palavras, palavrinhas e palavrões.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Prática Pedagógica.

1- PALAVRAS INICIAIS

Dos mais diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida o **livro**. Os demais são extensões de seu corpo: o microscópio, o telescópio são extensões de sua vida; o telefone é extensão da voz; temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Porém o **livro** é uma extensão da memória da humanidade e da imaginação criadora.

(Jorge Luís Borges)

A leitura do texto literário demanda amor pela leitura e reflexão sobre essa construção de sentidos para o texto. De acordo com Bernardo (2010) o texto literário pode ser

¹ Professora de Língua Portuguesa da rede pública de ensino. Aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, do *Campus* Avançado Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, Pau dos Ferros- RN, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

² Professora da disciplina Leitura do texto literário, ofertada pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, do *Campus* Avançado Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

lido de três formas. De forma ingênua, crítica e teórica. A primeira leitura é a ingênua, aquela feita com espanto, admiração, por prazer de descobrir o encantamento da história recuperando a emoção de nossas primeiras leituras como leitores iniciantes. Há um envolvimento e entrega total ao texto, quando consideramos a verdade do que lemos e vivenciamos ao mesmo tempo como a verdade do texto e a nossa própria verdade. Há a suspensão da descrença.

Nessa leitura nos vemos maravilhados com as explicações fantásticas para o mistério, com a proximidade das personagens com a nossa vida, pois nos adentramos nas histórias que são nossas histórias. Lemos como se, ainda, fossemos ingênuos e essa ingenuidade nos fortalecesse a imaginação.

A segunda leitura não é mera repetição da primeira, é uma forma de entender melhor o texto para relacioná-lo com outros textos. Vemos nessa leitura o texto como uma construção imaginária de um autor real, pois passamos a entender que não há verdade literal no texto, que o narrador não é autor e que as personagens não são pessoas.

Nessa leitura não perdemos o encantamento da primeira, somamos o prazer da compreensão “ela me permite refletir sobre o que e como li da primeira vez, ela me permite pensar por que o texto me afetou e me mobilizou, por que veredas me interessou”. (BERNARDO, 2010, p. 01). Ler criticamente passa a me ajudar a compreender como pensamos e como nos sentimos na leitura ingênua.

Para acrescentar a terceira leitura que chamamos de teórica levantamos questões a partir do texto com base em nosso repertório de leituras de mundo. Na leitura teórica especulamos um conjunto de questões que o texto literário nos permite elucidar. Suspendemos a nossa crença para percebermos os vários discursos sobre a realidade e sobre o mundo, permitindo-nos construir o nosso próprio discurso.

Para Bernardo(2010) essas três leituras não são excludentes, se adicionam e se completam, há uma interdependência entre elas, uma vez que ao ler assim não perdemos o prazer encantado, nem o prazer intelectual, tampouco o prazer filosófico.

Com base nesses modos de leitura, buscamos na obra *Palavras, palavrinhas e palavrões*³ de Ana Maria Machado, ler o texto literário por esse viés de leitura ingênua, crítica e teórica. Nesse sentido, o presente trabalho visa apresentar uma leitura da obra, refletindo sobre a prática pedagógica de ensino de literatura, partindo da leitura ingênua à leitura teórica.

³ MACHADO, Ana Maria. **Palavras, palavrinhas e Palavrões**. Curitiba: editora Champagnat- PUC, 2011.

2- Leitura ingênua

Ao sentir a textura do livro, o título me chama a atenção: Palavras, palavrinhas e PALAVRÕES. Fico a pensar a lógica do que vejo escrito: palavras pequenas, palavras médias e palavras grandes! É isso. A história do livro fala de uma menina que media as palavras que falava...Ah, uma menina! Claro que é, vejo o desenho de uma menina vestida de rosa, garota alegre e parece-me que muito curiosa. Já gostei! O livro fala de meninas, elas são sempre mais curiosas...

Abro o livro e na primeira página olha só o que vejo: Uma garota sentada com um livro na mão. É ela! Ana Maria Machado, a menina da história. Afinal o nome está escrito bem abaixo da menina. Percebo que essa Ana Maria Machado gosta muito de ler as palavras. Que coincidência! Conheço uma outra garotinha que também gosta muito das palavras e ela se chama Ana...a menina Ana Paula Lopes. Que coisa boa, são duas Anas que têm o mesmo gosto. Minha companheira Ana Maria Machado e eu Ana Paula Lopes.

Com essa constatação minhas mãos ansiosas pedem para prosseguir. Na primeira página já começo a me confundir com a menina curiosa. Me vejo com seis anos, quando viajei para Brasília, aquela cidade bem grande, com aqueles prédios altos, que acreditava que colocando um poste em cima do outro, mais duas árvores chegava no céu. Ficava imaginando porque ninguém nunca tinha feito isso. Era tão fácil. Pensava que se eu fosse gente grande já tinha ido vê Deus lá no alto dos céus.

Até chegar naquela “cidadona” nunca tinha visto tantas palavras. Palavras que tinham cores, tamanhos e formas. Nomes que estavam em todo lugar, nas placas, nos tantos carros, nos jornais, nas paredes das lojas. Entre tantos nomes, tantas letras juntas e tantos desenhos. A Loja Arapuã me intrigou. Que palavra difícil “Arapuã”! Ler com essa cobrinha em cima, fazia uma cocegazinha na garganta. Essa palavra me chamava atenção sempre que passava em frente da loja, quando transitava de ônibus da casa de um tio para o outro. Soletrava tão devagar que para compreender a palavra toda tive que ir umas três viagens de ônibus para decifrá-la. Afinal estava engatinhando na leitura das palavras escritas. Depois que, finalmente consegui ler direto, a palavra fluía em minha boca. Arapuã!

Pensava o porquê de colocarem uma palavra tão difícil no nome de uma loja. O nome parecia arapuá que na minha cidade queria dizer mato e eu compreendia como mato feio e bagunçado, pois minha mãe dizia sempre quando o meu cabelo e da minha irmã estava assanhado que parecia um arapuá de tão bagunçado. Os fios de cabelos revoltos não

assentavam na cabeça. Como uma pessoa vai comprar numa loja bagunçada? Pois esse nome era diferente. Não entendia...

Penso que Ana tem razão...Usam nomes tão diferentes das coisas que eles querem dizer. Como uma pedra tão pequena de calçamento tem um palavrão tão grande e tão difícil de dizer...paralelepípedo! Como as mesmas coisas tem nomes tão diferentes? Jerimum e abóbora, como diziam em Brasília. Nem os adultos entendem. A cada palavra Ana parece mais comigo. Por que as palavras não são do tamanho das coisas? E não dizem a mesma coisa que queremos dizer?

Na próxima página uma surpresa! Os palavrões que a menina falava não eram palavras enormes. Eram palavras feias, como dizia mãe. Aqueles nomes que criança não podia dizer e nem ouvir. E quando ouvia, não podia falar e quando falava levava um puxão de orelhas e a mãe mandava rezar e pedir perdão por ter dito palavra feia que Deus não gosta.

Os adultos complicam as coisas. Não explicam direito o que queremos saber e nem querem que a gente pergunte. Como vamos saber se não perguntarmos? Eles não dizem se não perguntarmos e como vamos saber das coisas? Mãe sempre dizia que eu perguntava muito, era muito sabida. Menina perguntadeira? Devia ser quem pergunta muito. Eu não entendia que ela queria dizer curiosa. Quando ela dizia - Ana Paula! E na frente dos outros me olhava com aquele olhar de que eu ia ver o que é “bom para a tosse”, que não era remédio passado pelo doutor, mas surra, grito, castigo ou conversa séria diante do erro, que só podia ser a tosse. É isso a tosse também podia ser um erro! Tinha doença tosse e tosse erro. Quando eu ia saber quando dizer uma ou outra? Não sabia. Só sabia que tinha dito coisa errada, pois olhar de mãe não falha. Eu já imaginava que tinha buscado saber coisa que eu não deveria ter querido saber! Que estranho isso.

Minha tia me chamava de menina “faladeira”. Acho que é porque falava muito coisas que ouvia falar e nem sabia o que significava. Um dia ouvi falar que minha tia pariu um menino. Perguntei o que era parir. Mãe me deu um grito e disse que ia dizer ao meu pai, pois aquela palavra não era coisa de estar dizendo não, que quando eu crescesse eu ia saber. Ela disse que o meu primo veio ao mundo. Então compreendi que parir devia ser vim ao mundo. Então disse a ela que Nossa Senhora pariu Jesus. Mãe disse que quem dizia essas coisas tinha a boca suja e sebosa e que era pecado menina dizer “certos nomes feios”. Ouvi muito: “Isso não pode, isso não deve, isso não é coisa para menina saber e nem ouvir...” Quantas palavras nós não podíamos dizer...as palavras ditas, como mãe ensinava, pelas “mulheres da vida”, menina não podia ouvir e saber.

Em casa nas debulhas de feijão, os senhores mais velhos contavam muitas histórias, mas pai dizia logo: - Cuidado com as palavras pesadas porque tem menino aqui. Então as palavras leves eram ditas. Será que era por isso que era tão bom ouvir as histórias? Se tivesse palavras pesadas não gostaria das histórias? Ah, melhor assim as histórias eram bonitas demais, nós ficávamos quietos sentados no chão, ao redor do feijão ouvindo e imaginando.

Na história do livro vejo que Ana Maria teve um tratamento diferente. Nisso nós somos diferentes, ou melhor nossos pais fizeram diferente. A família a levou ao médico para resolver o problema de sua curiosidade das palavras. Ela foi ao Fonoaudiólogo. Que nome grande e complicado, por isso é de médico, afinal de coisa difícil os doutores entendem. Os nomes dos remédios e as letras deles são difíceis e feias. As palavras feias deveriam ser aquelas que a gente não entende...

Eu, meus amiguinhos e nossa família não sabíamos nem que existia esse doutor. Só sabíamos o remédio para quem dissesse e perguntasse palavras que não devia. O nome dele era “péia”. Pois é sabíamos que essa palavrinha queria dizer uma surra bem grande. Ainda bem que mãe conhecia um remédio chamado castigo de ficar de joelhos, era melhor do que apanhar, por que quando ela não estava olhando eu levantava uma perna para descansar e depois a outra para aliviar.

Depois do castigo nunca mais dizia o que não devia dizer, até que aparecesse outra coisa nova para dizer e para saber. Aliás tem palavra para tudo: para brigar, para brincar, para rezar, para aprender e para perguntar. Por isso gosto das palavras. Aprendi muitas delas na Bíblia, um livro que sempre tínhamos em casa. Gostava de ir à igreja porque o padre, na hora de falar sobre a bíblia, dizia com outras palavras o que eu não tinha entendido sozinha. O padre dava vida as palavras.

Assim fui percebendo, na escola, em casa e na minha vida que as palavras existem quando damos vida a ela, quando falamos e escrevemos. Compreendi que tem palavras misteriosas. Há aquelas que, sem mudar nada, ora dizem uma coisa, ora significam outra diferente. Pesadas, fortes, leves, feias e bonitas. Aprendi que elas existem, na dinâmica da vida e da relação com outras pessoas. São tantas as palavras para tantas coisas, que se torna complicado quando usá-las. Ana Maria Machado bem compreende o que quero dizer.

Como minha companheira Ana Maria, ainda, tenho mania de palavras. Gosto muito de escrever, às vezes uso palavras, às vezes palavrinhas e agora que sei, quase nunca uso (somente na hora da raiva) PALAVRÕES.

3- Leitura crítica

O livro palavras, palavrinhas e palavrões é uma narrativa que apresenta a história de uma menina apaixonada pela linguagem, que tem interesse em saber sobre a língua, indagando a denotação das palavras pelo tamanho que apresentam. Bem questionadora, a personagem inquieta-se nas mais diversas situações sobre o que seriam, de fato, palavras, palavrinhas e palavrões.

De forma instigante, a autora nos remete a nossa infância quando vivenciamos situações semelhantes e até cômicas, como consideramos hoje, em que tínhamos sede de conhecer o novo e compreender as situações ao nosso redor, de maneira bem analógica. A narrativa chama a atenção por tratar de algo tão comum e próximo da gente, pois nos faz lembrar, também, do nosso trabalho como educadora quando nos deparamos com crianças sedentas de conhecimento, fertilmente externado em suas perguntas intrigantes e, ao, mesmo tempo, tão significativas, a vontade de saber sobre a língua que faz uso.

O texto nos mostra um universo pequeno e muito grande de imaginação. A personagem dramatiza a relação significante/significado, quando para ela a extensão das palavras denota o seu significado. A relação que faz a partir do aumentativo e do diminutivo com o tamanho das palavras faz sentido para o universo da garota, apresenta sua lógica própria. Com o sufixo ão, característico do aumentativo, a personagem, diferente dos adultos, conclui que palavrões são palavras imensas. Isso nos remete a fase comum às crianças que acreditam na infância que palavrões são palavras grandes.

-Que coisa feia, uma mocinha sujando a boca com esses palavrões cabeludos.. – zangava a vovó.

A menina ficava ouvindo aquilo tudo sem entender direito. Como é que podia haver palavrão cabeludo? E ela ficava imaginando então palavrões enormes, maiores que uma baleia, mais compridos que um trem, e bem carecas. Palavras bigodudas. Palavrinhas barbudas. (p. 10).

Nessa fase, a criança ainda não adquiriu maturidade suficiente para construir significados e associações das palavras pertencentes a um vocabulário formal. Para a menina, as palavras encantam não pela significação, mas sim pela sonoridade e sensações que a pronúncia das mesmas produz em quem as lê e no momento que se lê. Dessa maneira, a criança cria uma confusão linguística, advinda das respostas insólitas que lhes são dadas de

forma descontextualizada e sem maiores explicações. Daí, termos que entender a contextualização como fator relevante na compreensão das palavras e dos discursos nessa fase.

Outra coisa que a menina não entendia é como que algumas palavras às vezes são palavrões e outras vezes não são. Principalmente nome de bicho, tinha uma porção. Tinha vezes que ela dizia um deles e lá vinha alguém dizendo que era um palavrão. Mas, um dia, quando foram à feira, a mãe mostrou um caixote cheio de pintinhos:

- Olha que amor, minha filha...

-O que?

-Ali, olha. Um monte de pintos.

-Pinto não é palavrão?

-Na feira, não.

Francamente não dava para entender. Como é que as palavras podem ser iguaizinhas e ficar maiores ou menores dependendo do lugar onde a gente está? (p. 20).

Com isso, a autora nos conduz a pensar no modo como muitos de nós educadores, introduzimos a leitura na vida da criança. A imposição da leitura crítica, sem motivação do prazer da descoberta do som, do significante e do significado e da relação entre todos estes elementos linguísticos, poderá traumatizar essa criança e acarretar o afastamento pelo gosto pela leitura.

Com isso Ana Maria Machado nos mostra que não podemos responder a inquietações das crianças com um duro sim ou não, porque nossa língua é viva, as situações comunicativas nos permitem recriar, reinventar e reutilizar palavras com significados distintos. Utilizando isso em nossa prática entenderemos que não existem respostas prontas e acabadas, e com relação ao texto literário as leituras e entendimentos são amplos, a depender da vivência da criança, dos significados que estabelece pelas suas experiências.

As dúvidas da personagem, por exemplo, são indícios de seu desenvolvimento, da incipiência de suas relações e associações, o que certamente é positivo para o seu processo de ensino e de aprendizagem. A escola e a família não podem podar o desenvolvimento da criatividade e imaginação da criança, nem ter vergonha, nem pudor de dar certas respostas as indagações das crianças. É preciso incentivar a criança a usar sua imaginação, ajudando a acionar seus conhecimentos prévios e construir, aos poucos e de acordo com sua fase de aprendizagem, os conceitos e relações de significado/significante e uso da língua.

4- Leitura Teórica

Conforme Amarilha (2003) o livro representa a palavra que expressa o pensamento organizado, a capacidade de lermos o mundo fixado nas palavras e nas experiências do dia-a-dia. A obra de Ana Maria Machado é um registro da experiência humana que permite o corpo-a-corpo de um eu com a experiência múltipla do outro, por meio de uma comunhão essencial.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. (COSSON, 2006, p. 15).

Nesse sentido, a leitura é ponte entre o leitor, o escritor e o mundo, uma atividade física solitária, mas nunca deixa de ser solidária, De acordo com Cosson (2006, p. 17) “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”. O texto palavras, palavrinhas e palavrões nos permite esse sentimento de incorporação do outro no eu, sem renúncia da nossa própria identidade. É por isso que interiorizamos com mais intensidade das verdades dadas pela ficção. Há uma reciprocidade.

Italo Calvino (2005) preconiza seis máximas necessárias para a construção de uma boa narrativa. A autora Ana Maria Machado as utiliza em seu texto, uma vez que com leveza, rapidez e exatidão apresenta em sua obra um projeto bem definido que constitui, de fato, o mundo infantil de questionamentos e de imaginação, com capacidade de desenvolver a visibilidade de uma etapa da vida comum a todas as pessoas na infância. Com uma multiplicidade de recursos nos mostra o desenvolvimento do repertório linguístico da criança, da ingenuidade e da necessidade nata do ser humano em compreender o novo, por meio da observação e da experiência.

Como isso nos mostra um projeto consistente, sólido que nos remete a inúmeras possibilidades de interpretação a depender da vivência de cada leitor. A necessidade que a personagem apresenta em conhecer a língua, a entender o universo das palavras é relevante em sua interpretação das situações que ocorrem ao seu redor com a utilização da língua. Para Cosson (2006) as palavras vem da sociedade de que faço parte e não são de ninguém. Ao usar as palavras eu as faço minhas. É por esse uso, seja individual ou coletivo, que as palavras se modificam, se multiplicam, são plurissignificativas.

Considerando isso, observamos que as palavras não são soltas, elas têm uma relação com o contexto de uso. No livro as respostas às perguntas da menina, de modo isolado, descontextualizado, descaracteriza a linguagem, o que contribui para o não entendimento da personagem sobre as conotações e realidade das palavras.

É preciso que na escola o tratamento dado as perguntas das crianças seja de reflexão, de busca pelo conhecimento, de prazer da descoberta, conduzindo-as a pensar sobre as situações, sobre o significante e o significado em dado contexto e, ainda, na sua experiência. Na prática pedagógica, a utilização da literatura é de suma importância, pois além de contribuir com os processos formativos da linguagem do leitor e do escritor, permite que o mundo se torne mais compreensível, pelo seu papel humanizador.

Dessa forma nos remetemos ao que destaca Oliveira Neto ((2010) que indica que no momento em que nós educadores conseguirmos transmitir ao nosso aluno o prazer pela leitura e não apenas forçar o hábito, poderemos concretizar objetivos importantes no ensino do texto literário. O educando precisa perceber a importância da literatura, necessita sentir-se fascinado por ela e, para que isso ocorra, o professor é fundamental como leitor e motivador.

Para isso, o professor precisa proporcionar momentos em nome do prazer absoluto de ler o texto literário, pois na escola a leitura literária deve fornecer os instrumentos necessários para se conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem, com palavras, palavrinhas e palavrões.

5- PALAVRAS FINAIS

Tendo concluídas as leituras do texto vemos o quanto é importante utilizar esses três passos de construção de sentidos. Torna-se muito mais motivador começar a ler um texto pelo prazer, pela despreocupação com análises, com associações textuais a isso ou aquilo. Há um envolvimento que até nos conduz a entender melhor o que lemos posteriormente de forma crítica ou teórica. Nos faz adentrar nas entranhas do que é nos dito e do que nós dizemos.

A leitura crítica conduz a uma associação do que lemos e do que entendemos pela nossa vivência educacional e social, a tradução do que o texto aborda de forma implícita e explícita colabora com a nossa experiência e com o que esta significa na compreensão do texto. A teórica nos respalda nesse entendimento, na visão que temos sobre o que o texto nos diz e o que sabemos sobre o que é abordado.

Com essas leituras, nos deleitamos sobre a obra e com ela trocamos sentidos não só entre o leitor e escritor, mas sobretudo, com o mundo onde estamos localizados, pois há o diálogo e o compartilhamento de experiências no tempo e no espaço.

Por fim, consideramos a obra bela, sutil, atrativa, bem adequada para as crianças, nos faz crianças, nos reconstrói como adultos ao repensar sobre nossas atitudes em relação ao universo da criança na prática pedagógica. Percebemos que a criança tem uma percepção linguística aguçada, internalizada, independente de normas gramaticais e convenções artificiais.

É fascinante entrar para esse estado de estranhamento, de reconhecimento de nós mesmos e daqueles com quem convivemos. Assim, compreendemos que a literatura nos permite sensações, associações, imaginação e a releitura de nós mesmos, à medida que construímos nossa realidade e abrimos possibilidades de conhecimento de outros mundos. O texto de Ana Maria Machado nos mostra isso, nos faz sentir, nos faz reviver. É uma leitura recomendada.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, M (Org). Leitura do professor: o valor do riso. In: ----- . **Educação e leitura: trajetória de sentidos**. João Pessoa: UFPB, 2003.

BERNARDO, G. Como ler um texto literário? **Revista eletrônica do vestibular**. Rio de Janeiro, UERJ. Ano 3, n. 6. Maio de 2010. Disponível em http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=39.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSSON, N. N. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, A. M. **Palavras, palavrinhas e palavrões**. Curitiba: Editora Champagnat_PUC-PR, 2011.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de. **Sobre Literatura e Ensino**, considerações a procura de um sentido. Anais do VII Colóquio Nacional de Professores de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura. Pau dos Ferros/RN – Brasil : 2010.